"Onde o Amor Floresce na Cidade"
As reformas urbanas e os novos espaços de encontros amorosos na Cidade do Salvador na primeira metade do século XX.

Maria Aparecida Prazeres Sanches *

Em 1917 sobe o título "*O Jardim de Nazareth, 'ninho' de amores... A polícia finge não ver...*" [1] o *A Cidade* denunciava a transformação das praças públicas em locais eleitos pelos namorados para encontros românticos. Alguns anos depois, em 1936, o *A Tarde* sob o titulo de "*Onde o Amor Floresce na Cidade. Viva a escuridão! Amor a quanto obrigas! Romeus e Julietas. Flagrantes curiosos – Onde à policia de costumes.*" [2] retornava, em suas páginas, as polemicas críticas aos encontros amorosos no Jardim do Nazareth, segundo este "*O jardim de Nazareth é um paraizo (sic) perdido que é somente encontrado pelos que amam. Á noite sem illuminação, os seus bancos estão cheios. São casais agarradinhos que trocam confidências. São pedaços de conversas são queixas, são sons de beijos que enchem o ar (...)*". Quatro anos depois, em 1940, seria a vez do *Diário da Bahia* com a chamada "*O Amor em Praça Pública – 'I Love you' cinematrografico – Promessas irrealisaveis*" reclamar contra a presença dos namorados nos "*logradouros públicos*" e mais uma vez la estava o Jardim do Nazareth onde, à noite, "*os bancos dos nossos jardins (...) são verdadeiras academias de arroubos amorosos*" [3]

Tais reportagens demonstram que a rua, ou melhor, os jardins públicos, eram os locais preferidos para encontros dos enamorados na Salvador republicana, mas quem eram os casais que a despeito das críticas e dos pedidos para que a Polícia interviesse para retornar os jardins às famílias, teimavam em entabular encontros românticos nos logradouros púbicos?

Segundo o *A Tarde*

> "*Santo Antonio da Mouraria tem dado o que fazer aos jornais. Diariamente, as famílias reclamam, contra a liberdade dos namorados naquella zona (...) Porque elles dominam os passeios, a janellas e as esquinas. São amas que se deixam ficar*

* Professara Doutora da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS/ DCHF/História. Email:cidaprazeres@ig.com.br.

[1] BPEB, Setor de Periódicos Raros, A Cidade, 09 de março de1917, p. 2.

[2] IHGB, A Tarde, 27/02/1936, p.2.

[3] BPEB, Setor de Periódicos Raros, Diário da Bahia, dezembro de1940, s/p.

> *nos braços de soldados de polícia, que hábeis discípulos de Marte, ganham galões nas conquistas do cupido (...)"* [4]

Para o *Diário da Bahia* eram "*Copeiras x caixeiros de armazém. Costureiras x logistas. Cosinheiras x motoristas"* encontrados aos pares a "*desmoralizar nossos melhores logradouros em detrimento das famílias que, de fato, procuram-nos para o repouso?*" [5] A considerar as profissões descritas pelos articulistas nos diferentes períodos das reportagens – amas, cozinheiras, copeiras, soldados de polícia, motoristas, podemos concluir que eram os membros das camadas populares, trabalhadores em sua grande maioria, os assíduos freqüentadores dos bancos de jardins.

As reiteradas críticas dos veículos de comunicação baianos que ao longo de 23 anos (considerando a primeira reportagem em 1917 e a última em 1940) reclamavam o retorno desses logradouros públicos as famílias aponta para uma prática popular consolidada dos encontros amorosos em locais públicos. Mas não eram somente as praças os locais preferidos para os encontros amorosos, os Bondes que ligavam bairros e áreas diferentes da cidade foram palcos de encontros e cenas apaixonadas protagonizadas pelos enamorados.

Em 1923, Maria do Carmo Guimarães, mestiça, 20 anos, modista, conheceu o condutor da linha circular Sabino Paulo Dias, 24 anos, sabendo ler e escrever. Moradora do Rio Vermelho, ponto final da linha do Bonde, fora ali que Maria do Carmo conhecera e travara namoro com Sabino Paulo, entretanto, a considerar suas declarações, seu pai, Frederico Ribeiro Guimarães, se opunha ao namoro, motivo por que este permaneceu oculto para sua família durante os "*mais ou menos dois annos*" de relação. Os encontros davam-se durante o trajeto que Maria do Carmo fazia entre sua casa e o trabalho "*na cidade*" quando tomava o Bonde conduzido por Sabino. As testemunhas do processo foram colhidas entre os habituais passageiros do Bonde, muitos moradores do Rio Vermelho, testemunhas cotidianas dos encontros entre o condutor e a modista.[6]

Os Bondes mais que meios de transporte a ligar a cidade eram também usado para aprazíveis passeios no centro ou nos arrabaldes da cidade, como o então bairro do

[4] IHGB, A Tarde 27/02/1936, p2. Grifo nosso

[5] BPEB, Diário da Bahia, 1940.

[6] APEBA – Seção Judiciária, Série Defloramento, Caixa 10, Documento 14, 1923.

Rio Vermelho balneário de pescadores, donos de roças e veranistas que no verão iam ao banho de mar. No folhetim A Ciganinha, veiculado pelo *Gazeta de Noticia* a prática de andar de Bonde é retratada como uma prazerosa forma de divertimento, além de locomoção. Na história protagonizada pela cigana Julia, veremos nossa heroína percorrer por duas vezes a cidade numa viagem de Bonde.[7] O andar de Bonde na Salvador de então era mais que uma forma rápida de encurtar distancia entre os logradouros da cidade, era acima de tudo incorporar-se aos novos hábitos e prazeres que os tempos modernos traziam, e, como destacou Sevcenko, "*virava um sinal de distinção daqueles que o exibiam*" (SEVCENKO, 1990:550) e todos sem distinção sempre que podiam, buscavam fazê-lo. Assim como nós jardins e praças públicas da cidade os namoros nos bondes foram igualmente criticados. Sob o título "*Namoros sem compostura. Escancarados nos Bondes. A polícia precisa reagir, para restabelecer o decoro público*" [8] o jornal criticava a conduta dos namorados nos veículos que, segundo o articulista, "*crentes de que estão escondidos em algum recanto, ou sob uma arvore frondosa e isolada em algum campo ou jardim*" mantinham afagos e caricias, trocavam beijos à frete dos passageiros sem "*respeitar as famílias que viajavam no mesmo bonde*". Ainda segundo o articulista o casal era uma "*pardavasca, feia como a necessidade, porém, toda cheia de massadas, acompanhada de desaforado imbecil, também da raça ethiopica*".[9] É interessante notar que assim como com o Jardim de Nazareth a ênfase dada pelas críticas veiculadas pelos jornais era para com o "respeito às famílias", atribuindo-se a polícia um papel fundamental na gestão dos comportamentos, como reguladora e repressora, ainda que se tratasse de condutas no campo amoroso.

Pelas reportagens veremos ainda que além de pobres aqueles que ocupavam romanticamente os Jardins da Cidade e protagonizar cenas "picantes" nas viagens de Bonde indiferentes aos olhares de quem mais ali estivesse, eram em sua maioria negros e mestiços. Nos relatos que povoam os processos de defloramento ocorridos no período os jardins e bondes surgem como locais comumente freqüentados pelos casais de namoro. E a rua é apontada como o local onde freqüentemente muitos dos

[7] BPEB, Setor de Periódicos Raros, Gazeta de Noticia, capítulo 09, 21 de outubro de 1912 e capítulo 19, 04 novembro de 1912.

[8] FBN, Seção de Periódicos, Gazeta de Noticias, 05 de junho de 1913, p.01.

[9] Idem Ibidem, p 1.

defloramentos eram levados a cabo, sempre associados a passeios, idas as festas ou ao trajeto que os namorados faziam entre o local de trabalho e a casa. O passeio nas ruas remodeladas, a exemplo da Rua Chile, com suas lojas de roupa, confeitarias e sorveterias, era uma forma muito apreciada de encontro e será comumente apresentado como uma prova de que entre vitima e acusado havia uma relação amorosa, um compromisso, relativamente público, nas etapas que compunham o namoro. Em 1901 em seu depoimento a policia sobre as circunstancias de seu defloramento e da relação que ligava Amélia Constancia de Seixas, 16 anos, parda, costureira a Adelardo Bacellar, 19 anos, empregado no comércio, esta afirma que

> "*ela respondente saindo às vezes a passeio para a casa de sua avó (...), em companhia sempre de sua comadre Francisca da Rocha Passos, encontrava-se sempre com Adelardo Barcelar, passeavam juntos, mas sempre acompanhadas de sua dita camarada Francisca da Rocha Passos; que também em passeios à noite, em lugares onde havia festas de Igrejas, e ainda em companhia da mesma Francisca da Rocha Passos encontrava-se sempre com seu namorado Adelardo Bacellar, com quem ficava até hara de voltar para casa (...)*".[10]

Ao descrever o cotidiano de seus encontros com Adelardo, Amélia busca convencer as autoridades que entre eles havia uma formal relação de namoro conhecido publicamente cujo ato de sair à rua, sempre acompanhada de terceiros, constituía um legitimo indicativo de que entre eles haviam compromisso formal de namoro.

As testemunhas em seus depoimentos também apontavam o passeio como um indicativo externo de que entre os envolvidos no processo haveria namoro, como relatou em seu depoimento Calvino Jose Brandão, 26 anos, artista que disse "*conhecer Altamira há 8 meses* (...) *que na data que teve inicio tal conhecimento era tida como honesta (...); que antes do convívio de Alvaro e Altamira a que se refere mantinha elles palestras e passeios denunciando namoro*" [11]

O passeio que consistia no ato do casal ir a rua para desfrutar das opções de lazer que a cidade oferecia, tendo nesse período um tempo relativamente intimo de conhecimento, podia tanto ser interpretado como uma prova de namoro como ser usado como uma prova de um comportamento inapropriado da vitima, indicativo de que esta não se tratava de uma mulher "honesta". Assim o passeio na argumentação dos

[10] APEBA – Seção Judiciária, Série Defloramento, Caixa 01, Documento 09, ano 1901.

[11] APEBA – Seção Judiciária, Série Defloramento, Documento 08 Caixa 19, Estante 198, Ano 1930. Grifo nosso

advogados de defesa[12] eram sempre usados como indicativo de que a vitima possuía uma conduta moralmente condenável por sair só à rua com um homem mesmo que esse fosse seu namorado. Como demonstrou Araujo (ARAUJO,1993:326), apesar das ordenações e remodelações que a cidade sofre no sentido de acolher em suas ruas, praças e jardins a família[13] haviam uma gama de normas para que as mulheres freqüentassem o espaço público locais, horários, traje e principalmente a presença de um acompanhante que seria o guardião da honra feminina deveriam ser observados sob pena de colocar sob suspeita a mulher que saiam a rua, esta no discurso jurídico "*estava cheia de tentações e desvios*" (ESTEVES, 1993:47).

Por mais que possamos creditar essas que a presença e as condutas de namoro entre os populares na cidade fossem um evento intrínseco ao século XX uma vez que os lugares que as tinha como palco, bondes, praças e jardins, eram novos locais idealizados pelos projetos de urbanização levados a efeito em muitas cidades brasileiras, é preciso que consideremos que a rua sempre fora um local por excelência ocupada pelos populares, Graham (1992, p.66) ao estudar as criadas na virada do século XIX para o século XX, descreveu ruas e praças como locais que "*podiam oferecer um ambiente muito igualitário (...). A identidade individual se formava e encontrava expressão; laços com outros eram estabelecidos, postos à prova, apreciados*".

Ainda que as ruas fossem por excelência o local dos encontros para aqueles que sobreviviam dos diferentes labores que as cidades geravam, o caráter romântico de muitos dos contatos que ocorriam na rua de todo incomum, principalmente durante as festas populares. Na virada do século XIX para o XX, a Festa da Penha, na Cidade do Rio de Janeiro, foi analisada por Soihet (SOIHET, 2003:185), relatando o desagrado e as críticas das elites e das autoridades cariocas com os casais de namorados "*em baixo das árvores*" com "*seus arroubos de carinhos*". Mesmo que nem todos os contatos na rua fossem necessariamente leves e a violência, quer praticada pelos policiais em busca

[12] Segundo Esteves, "os juristas, assim como os médicos, eram guardiões de um projeto de progresso e civilização que se impunha à sociedade e que passava evidentimente pelo aspecto do comportamento moral. Idealizava-se para os populares uma mudança nos hábitos de sair só, e apenas em determinadas horas e para determinados locais" (1990: 47).

[13] Segundo Araujo "a atração pela rua no Rio sempre foi grande, devido ao calor tropical instalado na cidade durante quase o ano inteiro. O alargamento das ruas e a abetura de grandes avenidas, a limpza e o saneamento dos locais públicos, as providências esteticas de pinturas de predios, a criação de parques e jardins arborizados com monumentos imponentes, as estratégias para garantir maior segurança publica indicentivavam a familia a usufruir do espaço físico urbano e a demandar a incorporação crescente de benefícios para que pudessem aproveitar mlhor a cidade."

de "estabelecer a ordem pública" quer entre os próprios populares na resolução de suas contendas fossem uma constante a rua constituía-se desde tempos coloniais como um espaço popular e são as reformas urbanas do final do século XIX e inicio do século XX, que embelezou as cidades e valorizou o espaço público como próprio ao lazer e ao deleite da família que tentará mudar essa relação secularmente construída.

A mudança de valores e atitudes tradicionais da família em formas modernas de convivência foi favorecida pela ideologia republicana e pelas reformas urbanas que buscaram incutir um novo comportamento social incentivando à família atravessar o espaço do privado, da casa, onde havia permanecido por todo o período colonial e em parte do Império, para o público, da rua. O "novo" no espaço urbano será a presença das famílias das elites, mas todo esse processo ira impor novas condutas de comportamento para estes espaços, antigas formas de interação próprias aos populares como vimos serão veementemente condenadas.

A condenação as práticas e condutas dos populares em Salvador será fortemente marcada pelo preconceito racial. Na crítica veiculado pelo articulista do *Gazeta de Noticias* ao namoro nos bondes, o condicionante racial aparece melhor demarcado pelo uso de termos desqualificante e exemplo de "*pardavasca*, *feia*" e de "*desaforado imbecil da raça ethiopica*". Nas outras reportagens referentes aos jardins da cidade a condição racial aparece camuflado pela condição de classe, expresso nas profissões associadas aos casais que freqüentavam os jardins: copeiras, caixeiros de armazém, cozinheira, motoristas, policiais.

Na Salvador pobre e majoritariamente negra haveria duvidas da condição racial desses casais? Com toda certeza não. Em Brancos e Pretos na Bahia, Pierson (PIERSON,1970:227-229) apresenta dados referentes a relação entre trabalho e cor para Salvador de 1936, indicando um percentual grande de mulatos[14] e pretos nas ocupações de Bombeiros (58,0%de mulatos, 22,0% de pretos, 16,2% de brancos numa amostra de 100 pesquisados) , Guardas Civis (54,0 % de mulatos, 32,0% pretos, 13,0% de brancos numa amostra de 150 pesquisados), Soldados (48,0% mulatos, 40,5% pretos

[14] Mulatos é a categoria de cor usada por Pierson, para designar os mestiços de branco com preto. Para este trabalho o espectro de mestiços é designado aqui como pardo, mesmo sendo uma categoria elástica uma vez que pardo poderia na designação de pardo caberia desde os mestiços escuros aos muito claros, ainda assim optamos por essa designação pois é a que aparece com maior freqüência nos processos. Por sua vez o próprio Pierson por diversas vezes assume como pardo todo o matiz de mulatos, surgindo o seu trabalho em alguns momentos como sinônimos.

11,1% de brancos numa amostra de 750 pesquisados). A grande maioria das mulheres que se dedicavam as atividades de trabalho descritas pelas reportagens, cozinheiras, copeiras, e costureiras, domesticas, eram negras ou mulatas (SANCHES, 2010:149-159).

Nas reportagens cor e desregramento moral aparecem associados e cuja solução para tais condutas consideradas inconvenientes os articulistas apresentam como solução a repressão policial pura e simples demonstrando como as relações raciais soteropolitanas eram permeadas pela violência moral (zombaria, desqualificativos físicos e morais) e física (espancamentos, prisões). A cor preta e a desqualificação social estão comumente associados nos jornais baianos do período , onde relações familiares, amorosas e conflitos das mais diversas ordens estampavam notícias em que cor e desregramento moral associavam-se, generalizando comportamentos e condutas individuais como inerentes a todo uma segmento social. A notícia veiculada pelo jornal A Tarde é elucidativa desse comportamento. Com a chamada *Arrulhava na praia do Rio Vermelho – Veio um saldado e metteulhes o facão*, em 1925 assim o jornal relatava a agressão sofrida por Maria de Jesus e Dyonisio Theodoro Fernandes. Ela descrita como

> "*uma crioula de cor negra retinta, farta plástica de cosinheira e 35 anos nos costados. É cellibataria sem ser, contudo, uma vestal no sentido estricto da pureza*", ele como "*também de pele escura, com os mesmos 35 anos igualmente celibatários o pescador, tal qual sua amante*". A zombaria continuaria ao descrever a cena amorosa, "(...) *as 23hs, passeavam elles na praia do Rio Vermelho trocando clássicas juras morosas sonhando venturas e contemplando as ondas (...) O cenário inspirava e de fato Dyonisio inspirou-se furtando um beijo dos lábios de Maria que languida deixou pender a cabeça no ombro do sedutor negroide*".[15]

A conclusão da noticia narra a agressão, sem explicação, que ambos sofrem desferida por um policial a facão.

A associação que o jornal faz entre a cor e as características físicas e morais de Maria e Dyonisio buscava a todo momento designar o lugar social a que ambos pertenciam, ou seja, eram pobres. O uso do termo "*Negro*", "*Crioula*" remontava à origem, à condição de ex-escravos. A reportagem em tom de zombaria e forte ridiculização reforça ainda mais os significados desqualificadores que eram impingidos

[15] IHGHB – A Tarde 14/10/1925 p 2.

não somente a Maria e Dyonisio, mas a todos os não-brancos pobres de Salvador. Em nenhum momento à agressão ou o direito que ambos tinham de estar ali namorando é levado em conta. As razões da agressão são creditadas à má sorte de terem sido vistos pelo soldado de policia que como representante do Estado, em vez de dar segurança converte-se no agente da agressão. Sohiet (SOHIET,1990:592-593), em artigo instigador, demonstrou como a zombaria se constitui em "*arma ideológica e de caráter moralizante e hierarquizante*", quando empregada sistematicamente sobre um grupo social desmoraliza e ao mesmo tempo tenta desacreditar socialmente as demandas políticas do grupo ridicularizado. Assim o constrangimento agia como forma de coibir comportamentos e ao mesmo tempo impor um lugar social subordinado, expressando desprezo por aqueles que são alvo do ridículo.

As reformas urbanas cujas intervenções visavam mudar o traçado da cidade com ruas largas, amplas para a circulação do ar e das pessoas, das praças arborizadas a constituírem um momento aprazível de convivência saudável não seria o único foco de atuação daquilo que a historiografia chamou de medicalização da sociedade brasileira, as famílias e os indivíduos também seriam alvos dessa intervenção. Buscou-se controlar o corpo, o sexo, a relação do casal, a vida intima, a saúde e a higiene pessoal segundo as normas e exigências da sociedade burguesa. Se o alvo inicial fora as famílias da elite, na republica o foco principal foram as famílias pobres cujos hábitos e práticas a partir de então eram criticados, reprimidos buscando a sua modificação. E como vimos, a forma como esses viviam suas relações de namoro será duramente criticada.

Ainda que de forma lenta e seletiva Salvador viveria seu processo de transformação urbana, a cidade com seus recantos e ruelas, chafarizes públicos, mercados e quiosques que tradicionalmente proporcionavam encontros aos pobres da cidade estavam sendo extintos ou transformados em nome do novo ordenamento da cidade e desse impulso nasceriam as novas linhas de Bonde, as novas praças ou remodelação das antigas e os novos jardins arborizados a exemplo do Jardim de Nazareth que será usado para o deleite e o prazer tanto das elites baianas como das camadas populares, o Passeio Público, belo jardim dotado com variada espécies de plantas, arvores e flores, de bancos e postes de iluminação, a rua Chile com suas lojas, confeitarias e sorveterias a Praça da Piedade e sua fonte luminosa, o Relógio de São Pedro. Será desse mesmo impulso moderno e transformador que veremos florescer as

relações modernas de namoro nas novas ruas, praças, bondes e jardins ainda que as demonstrações de afeto em público, próprio dos populares avessos as etiquetas burguesas de comedimento, fosse considerado um comportamento inadequado para as pretensões da sociedade baiana que se pretendia moderna e civilizada. [16]

O "*footting*" [17] nos jardins públicos e praças, a ida ao cinema, e a freqüência aos bailes, serão novos espaços de interação social nas cidades onde ocorreram os encontros entre os prováveis pretendentes a namoro. Praças e Jardins convidavam ao passeio e ao *flirt,* que consistia em manter contato visual com a pessoa por quem se tinha interesse em entabular um namorico. Sorrisos e pequenos gestos protagonizados pelo rapaz mostravam seu interesse pela moça, que poderia retribuir o interesse deixando-o aproximar-se para então iniciar um primeiro conhecimento.

As novas opções de lazer, incluindo aí, além do *footting*, a freqüência aos cinemas e sorveterias, não acarretou o abandono das festas tradicionais, *"a cidade queria agora consumir dentro dos modernos padrões de lazer. Porém, no que diz respeito às camadas populares, tais padrões foram pouco a pouco se mesclando às antigas tradições baianas*" (FONSECA, 1997:17-18). Festas como a do Bonfim, os ternos do Rio Vermelho eram ansiosamente aguardadas e divulgadas por todos os jornais locais da época.

As tradicionais festas populares que ocorriam nos logradouros públicos na Bahia serviram também aos encontros de rapazes e moças que entre diversões, músicas, danças, olhares, conversas e galanteios podiam estabelecer longos ou efêmeros relacionamentos amorosos. Foi exatamente no momento das comemorações momesca, de fevereiro de 1901, que Adelardo conheceu Amélia e com ela estabeleceu uma relação de namoro, relativamente longa, que findaria com o defloramento da mesma em um dos

[16] Com elação a Salvador a repressão ao namoro nas ruas jamais surtiu o feito desejado, a resistência da população em acabar com essa pratica acabou institucionalizando locais públicos consagrados ao namoro como o Jardim de Alá, na orla marítima também conhecido como o jardim dos namorados, pela fluência dos casais que usam o local para encontros amorosos e sexuais a noite. O interessante é que o local é freqüentado tanto por casais heterossexuais como por homossexuais. Entre os homossexuais o local serve tanto para um encontro discreto como para a busca de sexo anônimo entre homens .

[17] O "footing" era o termo empregado pelas elites para designar um tipo de lazer que se populariza nas cidades constituindo-se de caminhadas em locais públicos como praças, ruas e jardins em horários estabelecidos. As caminhadas além de serem propagadas como uma prática que fazia bem a saúde, estes converteram-se em momentos propícios para os encontros entre namorados ou para se travar conhecimento com um futuro pretendente (FÁVERI, 1999:100-101).

encontros, que tinham como cenário a Praça da Piedade e o Relógio de São Pedro, durante os passeios que costumavam fazer aos domingos. E foi também numa terça-feira de Carnaval de 1928 que Miquellina Valdovina de Araujo, 17 anos, parda, operaria da fabrica Paraguassú, foi deflorada pelo namorado Waldemar Motta, 21 anos, condutor de auto-ônibus. Waldemar namorava Miquellina a mais de um ano e obtivera o consentimento da mãe da mesma, Valdovina de Araujo, para levá-la a um passeio na cidade para ver a festa e na volta ocorreu o defloramento.[18] Maria das Virgens da anunciação Viana, 18 anos, copeira, preta gostava de frequentar bailes em companhia de sua irmã (que sabemos apenas chamar-se Otávia e exercer como Maria a profissão de doméstica) e de outras colegas de trabalho. Foi numa festa no Mirante do Campo da Pólvora, que conheceu Pedro dos Santos Silva, 21 anos, funcionário da Este Brasileiro em 1934. Desse dia em diante começaram um namoro que duraria mais de 6 meses. Segundo as testemunhas do processo, todas igualmente domésticas e colegas de trabalho de Maria das Virgens ou de sua irmã Otávia, o casal costumava freqüentar o Passeio Publico ou a Avenida Sete, sempre a noite, para caminhadas aprazíveis. *Artur Romualdo dos Humildes*, testemunha no processo movido por *Almerinda Casal* contra seu namorado *Pedro de Souza Praia*, aponta o Passeio Publico como o "*local de diversões*" freqüentado pelo casal durante o período de namoro.[19] Construído no bairro nobre da Se, o Jardim do Passeio Público localizava-se no centro da cidade e idealizado "*para a comunicação das famílias*" (AZEVEDO, 1975:10), logo se tornara uma diversão da moda, local apreciado por todos. (FONSECA, 1997:13-14) Prestigiados logradouros públicos da cidade do Salvador, o Passeio Publico, a Avenida Sete de Setembro, a Praça da Piedade, a Praça do Campo Grande, a Rua Chile, com suas lojas e iluminação, atraíram Maria das Virgens e seu namorado Pedro dos Santos Silva, Almerinda Casal e o seu namorado Pedro de Souza Praia assim como inúmeros casais que na vivencia de suas relações amorosas usufruíram dos modernos padrões de lazer que a cidade oferecia. A nova dinâmica da cidade vai sendo aos poucos incorporada às práticas de namoro, imprimindo aos encontros amorosos uma maior intimidade e uma vivência marcada por praticas de lazer ate então pouco usual, a exemplo do escurinho do cinema. A proliferação de novas formas de moradia como os prédios de apartamento,

[18] APEBA, Seção Judiciária, Serie Defloramento, Documento 01, Caixa 15, Estante 198, Ano 1928.

[19] APEBA, Seção Judiciária, Serie Defloramento Documento 02, Caixa 05, Estante 198, Ano 1925

a exigência do trabalho fora de casa para as mulheres associado aos novos padrões de consumo de lazer e as novas condições de liberdade vivenciada tanto por homens como pelas mulheres ira imprimir nova dinâmica ao namoro que muda junto com cidade cada vez mais cosmopolita.

Bibliografia

ARAÚJO. Rosa Maria Barbosa, **A Vocação do Prazer: A Cidade e a Família no Rio de Janeiro Republicano**, Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

AZEVEDO, Thales, **Namoro a Antiga. Tradição e Mudança**, Salvador, 1975,p10.

ESTEVES. Marta Abreu, Meninas Perdidas: **Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990.

FÁVERI, Marlene de. **Moços e moças para um bom partido (a construção das elites – Itajaí, 1929)**. Itajaí: Ed. UNIVALI,1999, p. 100/101.

FONSECA, Raimundo N. da Silva, A modernidade Rasgou a tela do Cinema: Lazer e Cinema em Salvador (1912-1924), monografia, Feira de Santana: UEFS, 1997.

GRAHAM. Sandra L., **Proteção e Obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860 – 1910**, Trad. Viviana Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PIERSON, Donald. **Brancos e Pretos na Bahia. Estudo de contato racial**. 2ª Edição, São Paulo: editora Nacional, 1971.

SEVCENKO, Nicolau, "A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio" In. Sevcenko, N e Novais, F (org.), **História da Vida Privada no Brasil. República: da Bela Époque à Ra do Rádio**, São Paulo: Cia das letras, 1998.

SOIHET, Rachel, "A sensualidade em Festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX", In. SOIHET, R. MATOS, Ma. Izilda S. de, **O Corpo Feminino em Debate**, São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

_____, "Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservados entre libertários" In **Estudos Feministas**, Florianopolis: UFSC, 1999

SANCHES, Ma. Aparecida P., As Razões do Coração: Namoro, escolhas conjugais, relações raciais e sexo-afetivas em Salvador. 1889/1950, tese de doutorado, Niterói:UFF, 2010.